

CONCEPTUALIZAÇÕES SOBRE A MORTE ENTRE JOVENS ENLUTADOS EM DECORRÊNCIA DA COVID-19: UM ESTUDO EM VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA

Igor Andrade Santos (UESB)

igor.andrade.santos1996@gmail.com

Felipe Watarai (UESB)

felipe.watarai@uesb.edu.br

RESUMO

Este projeto de pesquisa objetiva investigar a experiência de jovens adultos enlutados pela COVID-19 em Vitória da Conquista, Bahia. A metodologia empregada contou com a análise de conteúdo de Bardin, bem e do Procedimento de Identificação Metafórica (PIM). Os resultados esperados giram em torno dos impactos causados pela COVID-19 na experiência do luto e de metáforas *Corona vírus é um objeto em movimento a morte é o fim de uma jornada*, presentes no discurso dos entrevistados.

Palavras-chave:

Luto. Metáfora. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This research project aims to investigate the experience of young adults bereaved by COVID-19 in Vitória da Conquista, Bahia. The employed methodology relied on Bardin's content analysis as well as the Metaphorical Identification Procedure (MIP). The expected results revolve around the impacts caused by COVID-19 in the experience of mourning and metaphors *Corona virus is an object in motion and death is the end of a journey*, present in the discourse of the interviewees.

Keywords:

Death. Metaphors. Content Analysis.

1. Introdução

De fato, a *morte* é um tema que inquieta a humanidade. Para Barbosa, Francisco e Efken (2008) desde quando nascemos, começamos a perecer e cada dia que passa é um a menos no calendário da existência.

Porém, apesar de ser condição inerente à vida, nem sempre a morte é bem vista. Para Rodrigues (2006), a *morte* é um tabu que carrega um paradoxo que se refere ao silêncio a respeito do morrer em uma sociedade em que o falecimento é uma realidade barulhenta.

Segundo o Estatuto da Juventude, instituído na lei nº 12.852 de 5/08/2013, *jovens* são aqueles que possuem de 15 a 29 anos. Nesta fase, é

comum viver como se fosse imortal, se faz planos e projeta sua vida como se a morte não existisse (Cf. SILVA; SILVA, 2011; BUSA; SILVA; ROCHA, 2019). Assim, viver o luto nesta época, acaba por despertar mudanças que vão além da ruptura do vínculo, perpassando também por um novo papel exercido socialmente (Cf. BUSA; SILVA; ROCHA, 2019).

Enfrentar perdas e pensar a morte num cenário pandêmico³⁵ acaba trazendo significações bem particulares. Além dos lutos devido a COVID-19, a insegurança diante de uma ameaça invisível faz com que a morte se torne ainda mais próxima e súbita do que se está acostumado.

Destarte, diante da temática delicada da experiência com o luto, do falecimento de um ente querido e do cenário pandêmico ocasionado pelo corona vírus, o presente estudo visa compreender como jovens adultos de Vitória da Conquista, Bahia, que perderam alguém para a COVID-19, vivenciam a morte e como se dá seu processo de viver o luto.

2. *Revisão Teórica*

2.1. *Experiência do Luto*

Em seu livro “Sobre a morte e o Morrer” de 1969, Elisabeth Kübler-Ross apresentou cinco estágios para o luto. O primeiro consiste na *negação e isolamento*. Este diz respeito à busca por questionar e negar a veracidade da notícia da morte de alguém ou do diagnóstico de uma doença terminal no caso de um paciente. O indivíduo, após ser atingido pelo torpor da infeliz descoberta, esquiva-se, revelando sua incapacidade de lidar com este fato. Neste estágio são comuns as frases “Isso não pode estar acontecendo”, “eu não acredito”, “não pode ser verdade” (Cf. KÜBLER-ROSS, 1996). Além disso, a *negação* se trata, na maioria dos casos, de uma defesa temporária que, acaba sendo substituída pela *aceitação parcial*, que consiste num estado de recuperação gradual, à medida que vai se acostumando com a realidade, podendo então, reagir a esta.

O segundo estágio refere-se à *Raiva*, onde se revela sentimentos de revolta, inveja e ressentimentos (Cf. KÜBLER-ROSS, 1996). Nesta

³⁵ Em Janeiro de 2020, a República Popular da China alertou o mundo a respeito de um novo tipo de coronavírus, responsável por causar a doença nomeada de COVID-19. Devido a sua rápida transmissão, rapidamente espalhou-se pelo mundo, levando a OMS a assumir que o surto do novo corona vírus se tratava de uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII).

fase são comuns frases como “Por que ele me abandonou? ou “Por que estou passando por isso e não outra pessoa?” Esta raiva surge através de projeções direcionadas ao ambiente externo, onde buscar vingança é comum. É um estágio difícil para aqueles que cercam o enlutado ou enfermo, já que suas atitudes nem sempre são plausíveis (Cf. KÜBLER-ROSS, 1996).

O terceiro estágio, a *Barganha*. Nesta fase, há uma esperança em um prolongamento da vida ou cura divina, conquistada em troca dos méritos do sujeito ou de ações que promete desenvolver, como “ser uma pessoa melhor”, por exemplo (Cf. KÜBLER-ROSS, 1996).

O quarto estágio, a *depressão*, é uma fase marcada pela saudade e tristeza. Nesta, a pessoa retira-se para seu mundo interno, isolando-se, podendo se sentir extremamente impotente diante da situação de perda ou da iminência de sua morte. Kübler-Ross (1996) destaca que esta fase necessita de intervenções ativas por parte das pessoas que acompanham o enlutado ou enfermo. Isto se dá a fim de evitar a depressão silenciosa, uma vez que apenas superando as angústias e as ansiedades se alcança o estágio da *Aceitação* (Cf. KÜBLER-ROSS, 1996).

É saudável que a angústia vivida pelo luto encontre seu fim. Entretanto, este empreendimento torna-se extremamente difícil para as pessoas que vivem um sofrimento diante da morte. Para estes sujeitos, torna-se torturante admitir que as coisas mudaram e não são mais as mesmas. Apenas a partir da compreensão de que a realidade agora é diferente, que se perdeu aquilo e aqueles para quem se dirigia tanto afeto e o perdão para com estes e a esta situação, é que se pode conviver de maneira mais saudável com a saudade. A partir deste momento, atinge-se o quinto estágio, a *Aceitação*, onde organizar-se diante de sua própria vida torna-se possível (Cf. KÜBLER-ROSS, 1996).

2.2. Luto e COVID-19

No final de 2019, na China, o mundo deparava-se com o primeiro caso da Síndrome respiratória aguda grave 2 (Sars-COV-2), causada pelo coronavírus que é responsável por causar febre, cansaço e tosse seca (OPAS, 2020). Com a rápida disseminação, em 30 de janeiro de 2020, a COVID-19 se tornou uma emergência de saúde pública, sendo responsável por iniciar uma crise sanitária sem precedentes (Cf. RIBEIRO, BRAGA, TEIXEIRA, 2021;). Houve, de 11 de setembro de 2020 a se-

tembro de 2021, 28.040.853 casos no mundo, sendo que destes 4.335.066 foram no Brasil (Cf. CORREIA, 2021).

Sendo assim, a possível infecção por uma ameaça indetectável, trouxe aos sujeitos um medo agonizante ao fazê-los se defrontar com a possibilidade de encontrarem a morte ou de perder um dos seus.

Além disso, a COVID-19 expõe outras questões delicadas: Os lutos sequenciais dentro de um mesmo ciclo familiar, a impossibilidade de estar próximo a outros que ofereçam acalento; a necessidade de modificação ou a inviabilidade da realização de ritos fúnebres importantes para a elaboração do luto (Cf. MIYAZAKI; TEODORO. 2021).

2.3. Metáforas Conceptuais e a morte no discurso

A Metáfora Conceptual, cunhada por Lakoff e Johnson (1980), parte da ideia de que as metáforas possuem um domínio conceptual compreendido a partir de outro, e onde ambos os domínios são distintos. Na metáfora *tempo é dinheiro*, por exemplo, *tempo*, definido como domínio-alvo, é compreendido em detrimento de um domínio diferente, o dinheiro, definido como domínio-fonte (Cf. BERBER, 2011). Além disso, essa metáfora é entendida através de um mapeamento que torna possível inferir que o tempo é algo que se economiza, se gasta, perde, ganha, troca (Cf. BERBER, 2011).

O exemplo acima também evidencia outro elemento característico das metáforas, a possibilidade de se compreender mais facilmente conceitos abstratos (Cf. BERBER, 2011).

Carvalho e Lima (2012), em seu estudo sobre as personificações da morte nas poesias brasileiras, apresentam a metáfora *Morte é sono* presentes nos poemas de Alphonsus de Guimarães (2001). Esta emerge da experiência corpórea de um morto e alguém adormecido que igualmente apresentam-se deitados, de olhos fechados e imóveis, como se observa a seguir: “E ninguém surge aqui para velar-te **o sono!** E depois nesse Morro onde a Alma em **sonhos** erra, (...) **Há de dormir sempre** ao clamor da mesma guerra” (GUIMARÃES, 2001, p. 55).

Concomitantemente Carvalho e Lima (2012) destacam a metáfora *Morte é Viagem* como fortemente utilizada nas poesias brasileiras. Nesta, a morte torna-se a passagem para uma nova jornada, ou quem sabe, o fim dela, em que nada pode ser levado consigo. A metáfora conceitual pre-

sente nesta ideia é a metáfora *Morte é o destino final*. O trecho a seguir evidencia isso: “Depois da morte, quando eu chegar ao outro mundo” (BANDEIRA, 1993. p. 258).

Além de surgirem na linguagem poética, as metáforas conceituais também estão presentes no discurso cotidiano. Frases como *ele partiu dessa para melhor (morte é viagem)*, ou *a morte levou seu filho (A morte é um ladrão)* são comuns de serem expressas no dia-a-dia e trazem ideias abstratas, como é o caso da morte, para uma escala mais fácil de ser imaginada e compreendida, e quem sabe, mais possível de se lidar, uma vez que somente se lida com aquilo que se conhece.

3. Metodologia

Este é um estudo qualitativo por se propor a responder um questionamento amplo. A coleta de dados será efetuada a partir de entrevistas semiestruturadas, sobretudo porque permite que novas perguntas surjam no decorrer da entrevista (Cf. SILVA, 1998).

A respeito dos sujeitos desta pesquisa, objetiva-se realizar uma amostra não probabilística/ amostra por conveniência (Cf. VELUDO, 2001) a partir da condução de 5 a 10 entrevistas gravadas, em que haja o consentimento dos entrevistados, para que possa ocorrer, posteriormente, uma transição do material.

Quanto à análise dos dados, ela contará com a Análise de Conteúdo de Bardin (1977), através de sintetização de categorias apriorísticas, em um primeiro plano, e não apriorísticas, dos conteúdos das entrevistas, no segundo plano, como segmentos das primeiras categorias.

A fim de identificar as metáforas no discurso dos entrevistados, esta pesquisa fará uso do Processamento de Identificação de Metáforas (PIM), do Grupo Pragglejaz, (2009). Este método segue quatro etapas, sendo o primeiro a leitura do texto/discurso a fim de compreender seu significado. Na segunda etapa, separa-se as palavras do texto/discurso em unidades lexicais. Na frase *Você partiu meu coração*, então, as unidades lexicais poderiam ser: *Você / partiu / meu / coração*. Posteriormente, determina-se o significado da unidade lexical no contexto e o compara com o significado atual mais básico para a unidade lexical. O grupo Pragglejaz (2009) defende que os significados básicos tendem a ser os mais concretos, os relacionados ao funcionamento do corpo, os mais precisos (em oposição a vagos) e os que são utilizadas historicamente a mais tempo.

Por fim, observa-se há ou não uma oposição do significado contextual e mais básico. Caso haja, aquela unidade lexical pode ser compreendida como sendo metafórica.

Diante das unidades lexicais do exemplo supracitado: *Você / partiu / meu / coração*, podemos determinar os seguintes significados contextuais e básicos e identificar as seguintes metáforas:

Você

- a) Significado Contextual: Diante do contexto, *você* refere-se a um sujeito específico para quem a frase deseja alcançar, ou seja, aquele que feriu os sentimentos do falante.
- b) Significado Básico: *Você* trata-se de um pronome pessoal de tratamento. Na monarquia portuguesa, inicialmente, o rei era denominado de vós, entretanto, devido à exponencial importância econômica deste império, surgiu a necessidade de destacar o monarca dos demais membros da corte. Desta forma, este passou a ser tratado de outras maneiras, como, *Vossa Mercê*, por exemplo; Diante do Brasil colônia, este termo acabou sofrendo modificações de uso, transformando-se em *você* sobretudo devido à falta de escolas para corrigir erros e por não possuir imprensa para fixar visualmente padrões da escrita. Além disso, passou a ser utilizado para qualquer pessoa, de maneira informal (Cf. PERES, 2007).
- c) Significado Contextual *versus* Significado Básico: O significado contextual e básico são os mesmos por serem pregados a qualquer pessoa, sem distinção.
- d) Usado metaforicamente: Não.

Partiu

- a) Significado Contextual: Nesse contexto, *partiu*, refere-se a uma desilusão amorosa vivida por aquele que expressa a frase, podendo ter sido provocada por uma decepção.
- b) Significado Básico: *Partir* é um verbo transitivo direto, que se refere a ação de dividir algo em duas ou mais partes. Além dis-

so, pode ser empregado para expressar algo que se quebrou ou foi aberto.

- c) Significado Contextual *versus* Significado Básico: O significado contextual se opõe ao significado básico. A ideia que se pretende alcançar na frase pode ser entendida na alusão de que os sentimentos de alguém podem ser quebrar (PARTIU, 2022).
- d) Usado metaforicamente: Sim.

Meu

Significado Contextual: No contexto, *meu* refere-se a pessoa que expressa a frase sobre seu próprio coração.

Significado Básico *Meu* é um pronome possessivo que indica pertencimento e ou domínio sobre alguém ou alguma coisa (MEU, 2022).

Significado Contextual *versus* Significado Básico: O significado contextual não difere do significado básico.

Usado metaforicamente: Não.

Coração

a) Significado Contextual: Diante do contexto, *coração* refere-se ao sentimento de amor e afeto que o falante deixou de ter para com aquele com quem fala a partir do momento em que viveu uma desilusão amorosa.

b) Significado Básico: O significado mais básico para a palavra *coração* é o de um órgão torácico que desempenha o papel de bombear o sangue para outras áreas de um organismo (CORAÇÃO, 2022).

c) Significado Contextual *versus* Significado Básico: O significado contextual difere do significado básico. A palavra pode ser compreendida pela alusão socialmente difundida de que o *coração* é o órgão que detém as faculdades emocionais e onde reside as afetividades.

d) Usado metaforicamente: Sim.

A partir do exemplo acima, utilizado para melhor compreensão do PIM, torna-se possível evidenciar que a frase *Você partiu meu coração* possui quatro unidades lexicais, sendo que destas, duas são utilizadas de maneira metafórica.

4. Resultados esperados e conclusão

Para trazer maior embasamento na apresentação dos resultados esperados, fez-se uma entrevista piloto com Caíque (nome fictício). Este possui 23 anos, trabalha como DJ e perdeu o tio-avô para o coronavírus.

No que se refere à análise de conteúdo (1977) as categorias apriorísticas aqui delimitadas foram: (1) Viver na pandemia do coronavírus (2) Morte na pandemia do coronavírus e (3) Luto.

Assim, no que tange a categoria Viver na pandemia do coronavírus a ideia emergente foi de: insegurança e banalização, como pode ser evidenciado nas seguintes frases: *“Foi horrível, principalmente na minha área de setor de eventos, Cabou, parou tudo. Aí que eu me vi que nem doido com o quê que eu ia fazer”*, *“(…) logo quando tava em alta a COVID em países afora (...) pra a gente tava normal. Quando deu o primeiro caso de COVID (...) aquilo foi o maior impacto da cidade. (...) Nem na rua dele o povo queria passar”*, *“Quando aconteceu o primeiro caso foi novidade (...) e hoje a gente sabendo ‘não, o vizinho ta com COVID’ a gente fica na porta conversando com o vizinho numa boa”*, *“Hoje pra sociedade ta parecendo que é normal. É como se fosse uma gripe”*. Esta normalização citada por Caíque é exposta com preocupação pelo filósofo Pereira (2020) em seu artigo no ecodébate. Para este autor, adaptar-se é um processo cultural em que se assimila o novo e se passa a agir como uma ideia imaginária de que “sempre foi assim”. Desta forma, não é notório os impactos das mudanças e se age sem ao menos refletir acerca destes. Sendo assim, no cenário pandêmico do coronavírus e uma naturalização que surge de pequenos hábitos até mesmo a naturalização da morte e banalização da vida. Tal postura, portanto, abre margem para uma cultura necrófila e insensível (Cf. PEREIRA, 2020).

Já, da categoria Morte na pandemia do COVID-19 emergiram as ideias de impossibilidades e medo, como exposto nas frases: *“Não tem nem velório. Do carro mesmo levou pro cemitério”*, *“A partir do momento em que ele pegou a doença, a família já ficou bem chocada porque*

sabia que a chance de vida dele era pouca”, “Falar que faleceu de COVID causa um impacto (...) ‘fulano enfartou’, isso no dia-a-dia é normal. Mas falar ‘fulano faleceu de COVID’, poh ‘Oh, COVID? Meu Deus’. Causa aquele impacto. Ai o pessoal já fica: ‘Quem tava com ele, próximo a ele? Tem que tomar cuidado pra não contagiar’”. As impossibilidades perante o coronavírus como a de participar de ritos fúnebres demonstra uma questão delicada na experiência do luto. Souza e Souza (2019) expõe que as mortes de entes queridos precisam ser marcadas e pontuadas para que recebam a consideração necessária. Estar privado disso, portanto, pode corroborar com prolongamento o estágio de negação do luto, conforme apresentado por Kübler-Ross (1996), já que não pode confirmar através de sua própria experiência a fatídica notícia da morte de um ente querido. Aliado a isso, para Miyazaki e Teodoro (2020), tal impossibilidade pode despertar intensos sentimentos de raiva e horror. Nesta oportunidade, os autores defendem que em cenários como o da pandemia do coronavírus indicado é a realização de rituais fúnebres que durem até pelo menos uma hora. Além disso, devem contar com poucas pessoas, com caixão lacrado, que não haja procedimentos de tanatopraxia (limpeza, tratamento, maquiagem corpo) e que o corpo do falecido seja cremado. Complementam informando também que em certos casos, há a possibilidade da ocorrência de ritos fúnebres alternativos, como “cultos virtuais, missas virtuais, homenagens virtuais, musicais, fotográficas, entre outras, que auxiliem no processo de despedida, em especial no caso de mortes súbitas” (MIYAZAKI; TEODORO, 2020, p. 6).

Por fim, a categoria Luto evocou as seguintes ideias: Saudade e Lembranças, que podem ser observadas através dos seguintes trechos da entrevista: “*Eu senti falta de quando passar na casa dele não ter mais ele sentado na frente*”; “*Quando a gente dava aperto de mão ele apertava até a gente chorar de dor [risos]*”. Para Parkes (1998), a saudade é um sentimento costumeiro e mais característico do episódio de luto. Chorar e clamar pelo falecido diante desta sensação revela uma reação alarme diante da ausência da pessoa amada (Cf. PARKES, 1998). Na perspectiva Freudiana, como exposto por Silva (2011), diante da experiência de luto é necessário pronunciar interiormente a morte do ente querido. Desta forma, diferentemente de um esquecimento passivo, o luto torna-se um esforço que exige lembrar para esquecer. Nesta perspectiva, enquanto Caíque relembra da brincadeira com seu tio-avô, esforça-se para mantê-lo vivo em sua memória ao passo que não foge do fato de seu falecimento. Ainda sobre a brincadeira relatada por Caíque, percebe-se que sua lembrança, apesar de poder ser interpretada como um episódio doloroso,

é rememorado pelo entrevistado como um momento de diversão entre ele e seu ente querido, elucidando o foco que Caíque deseja dar a tal experiência. Esta escolha da memória vivida é compreendida por Silva (2011) como um remédio contra a dor da perda.

Dentre as metáforas evidenciadas no discurso de Caíque, nota-se, por exemplo, a ideia de que a vida é jornada e a morte é seu fim. Estas metáforas tornam-se nítidas no trecho a seguir: “Tem que tá na terra, fazer, viver, aproveitar o máximo porque quando morre acaba”. A metáfora *a vida é uma viagem*, como exposto por Lakoff e Johnson (1980) conceitualiza a ideia de ter um início, etapas lineares a serem percorridas, com coisas a “fazer”, como evocado por Caíque. Desta forma, esta jornada, a vida, possui distintos acontecimentos progressivos que não de acontecer e que ela caminha em direção a alguma coisa, ou seja, possui um ponto de chegada. Na frase do entrevistado, o destino final fica óbvio: a morte.

Aliado a isso, outra metáfora presente no discurso de Caíque aparece nas seguintes frases “*A gente nunca imagina que vai chegar na gente, né?*” e “*Aí que a gente começa a cair a ficha que ta chegando próximo da gente*”. Nestas frases, o entrevistado expõe a ideia de que o coronavírus move-se em sua direção tal qual um objeto. Desta forma, Caíque traz em seu discurso a metáfora de que a COVID-19 é um objeto em movimento. Para Lakoff e Johnson (1980) correlacionar algo a um objeto em movimento trata-se de uma metáfora ontológica básica de ordem orientacional. Estas são fundamentadas em virtude de correlatos sistemáticos dentro da experiência humana. Desta forma, a metáfora *COVID-19 é um objeto em movimento* revela uma correlação entre algo que se direciona no sentido do orador (a COVID-19), revelando também o tempo que ela levará para chegar até ele.

A afirmação de Caíque sobre a tomada de conhecimento ou, em suas palavras, o momento em que se cai a ficha de que a aproximação do coronavírus antes inimaginável agora é uma realidade, torna perceptível uma correlação entre o coronavírus e a própria morte ou, quem sabe, aquele que é emissário da morte. Agora, o coronavírus e a morte tornam-se sinônimos no imaginário social. Quando expressa o medo e a preocupação diante do coronavírus, Caíque revela o temor por sua vida e a busca incessante para retardar o fim de sua existência. O receio de aproximar-se de pessoas infectadas, conforme exposto pelo entrevistado ao dizer que as pessoas de sua cidade evitavam passar próximo a porta de onde vivia um infectado, reitera tal ideia, além de apresentar metáforas implícitas no discurso do entrevistado, como o de que a pessoa infectada é o

COVID-19 e que a pessoa infectada é própria morte, ou seja, aquela que se deve evitar contato a todo custo.

Diante da análise exposta, espera-se que os dados aproximem-se do que fora apresentado por Caíque, ou seja, de que o coronavírus por ter provocado um contexto pandêmico, acaba por gerar impactos na forma de vivenciar o luto, devido, sobretudo, às limitações que foram apresentadas. Além disso, espera-se que tais dados sustentem a ideia de que as metáforas surgem como um recurso bastante rico para a elaboração do discurso, como por exemplo, o do luto por um ente querido vítima de COVID-19.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARBOSA, L. N. F.; FRANCISCO, A. L.; EFKEN, K. H. Morte e vida: a dialética humana. *Aletheia*, v. 28, n. 1, p. 32-44, Canoas, jul./dez. 2008.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70, 1977.

BERBER. S. T. Metáforas e Linguística de Corpus: Metodologia de análise aplicada a um gênero de negócios. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), v. 27, p. 1-20, 2011.

BRASIL. Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Brasília, DF, Presidente da República, 2013, Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 07/03/22.

BUSA, A. L. A.; SILVA, G. B. da; ROCHA, F. O luto do jovem adulto decorrente da Morte dos Pais pelo câncer. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 39, n.1, e183780, Mauá, 2019.

CARVALHO, V. S.; LIMA, S.M.C. de. As metáforas da morte na poesia brasileira: um estudo à luz da linguística cognitiva. *Revista de Letras* v. 31, p. 107-13, Fortaleza, 2012.

CORREIA, F. Em um ano, Covid-19 matou mais do que AIDS em décadas. *Olhar Digital*. São Paulo, 30 de Mar. de 2021. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/03/30/coronavirus/em-um-ano-covid-19-matou-mais-do-que-aids-em-decadas>. Acesso em 07/03/2022.

GUIMARÃES, Alphonsus de. *Melhores poemas de Alphonsus de Guimarães*. Seleção de Alphonsus de Guimarães Filho. São Paulo: Global, 2001.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC e Mercado das Letras, 1980.

MIYAZAKI, M.C.O.S.; TEODORO, M. Luto. Enfrentamento COVID-19: Grupo de Trabalho de enfrentamento da Pandemia SBP COVID-19. 2020. Disponível em: sbponline.org.br/arquivos/To%CC%81pico_6_S%C3%A3o_muitos_os_lutos_na_situa%C3%A7%C3%A3o_da_Covid19_No_T%C3%B3pico_6_revisamos_o_conceito_de_luto_e_as_alternativas_do_psic%C3%B3logo_para_abordar_esta_tem%C3%A1tica_neste_contexto_.pdf. Acesso em: 07 Out. 2021.

PARKES, C. M. Luto: estudos sobre a perda na vida adulta. Tradução de Maria Helena Franco Bromberg. São Paulo: Summus, 1998

PEREIRA, A. V. Naturalização da morte e banalização da vida em te pos de covid-19. *Ecodebate*, 2020, disponível em: www.ecodebate.com.br/2020/12/04/naturalizacao-da-morte-e-banalizacao-da-vida-em-tempos-de-covid-19/. acesso em: 07/04/2022.

PERES, E. P. De ‘Vossa Mercê’ a ‘cê’: os processos de uma mudança em curso. *Revista (Con)Textos Linguísticos (UFES)*, v. 1, p. 155-67, 2007.

RIBEIRO, D. de A.; BRAGA, A. F. D.; TEIXEIRA, L. Desigualdade Socioespacial e o impacto da Covid-19 na população do Rio de Janeiro: análises e reflexões. *Cad. Metrópole*, v. 23, n. 52, p. 102-134, 2021;

RODRIGUES, J. C. *Tabu da Morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

ROMANELLI, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: ROMANELLI, G.; BIAZOLI-ALVES, Z.M.M. (Orgs). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. 1. ed. Ribeirão Preto-SP: Legis Summa, 1998. p. 119-33

SILVA, P.J.C.. Lembrar para esquecer: a memória da dor no luto e na consolação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental (Impresso)*, v. 14, p. 711-20, 2011.

SILVA, R. C. da. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisa. In: ROMANELLI, G; BIASOLI-ALVES, Z.M. (Orgs). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legi Summa, 1998. p. 159-74

_____; SILVA, V R. da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Caderno CRH (UFBA)*, v. 24, n. 63. p. 663-78, 2011.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. *Psicologia: Teoria E Pesquisa (Unb. Impresso)*, v. 35, p. 1, 2019.

VELUDO-DE-OLIVEIRA, T. M. Amostragem Não Probabilística: Adequação de Situações para Uso e Limitações de Amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. *Administração OnLine (São Paulo)*, v. 2, p. s/n, São Paulo, 2001.

Outras fontes:

CORAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: dicio.com.br/coracao/. Acesso em: 15/04/2022.

MEU. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: dicio.com.br/meu/. Acesso em: 15/04/2022.

OLHAR DIGITAL Em um ano, Covid-19 matou mais do que a AIDS em décadas. Disponível em olhardigital.com.br/2021/03/30/coronavirus/em-um-ano-covid-19-matou-mais-do-que-aids-em-decadas/. Acesso em: set. 2021.

OPAS. Folha informativa COVID-19. Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: set 2021.

PARTIU. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: dicio.com.br/partiu/. Acesso em: 15/04/2022.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*. v. 22, n. 1, p. 1-39, 2007. Trad. De Dalby Dienstbach Hubert. In: *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n. 25, p. 77-120, jul-dez. 2009.